



Revista Letras

Nº 103 - Jan./Jun. 2021

<http://revistas.ufpr.br/letras>

Editora: Teresa Cristina Wachowicz

Projeto Gráfico: Yuri Kulisky

Organizadores do número temático

Dossiê V Colóquio Brasileiro de Morfologia – V CBM:

Maria Cristina Figueiredo Silva e Teresa Cristina Wachowicz

Conselho Editorial

Antonio Dimas (USP), Beatriz Gabbiani (Universidad de la República do Uruguai), Carlos Alberto Faraco (UFPR), Carlos Costa Assunção (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Elena Godoi (UFPR), Filomena Yoshie Hirata (USP), Gilda Santos (UFRJ), José Borges Neto (UFPR), Júlio Cesar Valladão Diniz (PUC-RJ), Lígia Negri (UFPR), Lúcia Sá (Manchester University), Lucia Sgobero Zanette (UFPR), Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC), Marília dos Santos Lima (UNISINOS), Mauri Furlan (UFSC), Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR), Raquel Salek Fiad (UNICAMP), Rodolfo A. Franconi (Dartmouth College), Rodolfo Ilari (UNICAMP)

Conselho Consultivo

Adalberto Müller (UFF), Álvaro Faleiros (USP), Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (UNESP-Araraquara), Fernando Cabral Martins (Universidade Nova de Lisboa), Helena Martins (PUC-RIO), Irene Aron (USP), Isabella Tardin Cardoso (UNICAMP), Juliana Perez (USP), Luciana Villas Boas (UFRJ), Márcia Martins (PUC-RIO), Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP), Matthew Leigh (University of Oxford), Patrick Farrell (University of California/Davis)

Lista dos pareceristas ad hoc

Alessandro Medeiros, Aline Rodero Takahira, Ana Paula Scher, Andrew Nevins, Beatriz Pires Santana, Fabíola Sell, Gesoel Mendes, Indaiá Bassani, Janayna Carvalho, João Paulo Lazzarini Cyrino, Marcelo Barra Ferreira, Maria Cristina Figueiredo Silva, Maurício Resende, Patrícia de Araújo Rodrigues, Rafael Minussi, Vítor Augusto Nóbrega.

DOSSIÊ V CBM: SUMÁRIO

- 8 “DERIVANDO O SUFIXO –R LATINO E SEUS ALOMORFES: UMA DESCRIÇÃO BASEADA NA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA”
Lydsson Agostinho Gonçalves
Paula Roberta Gabbai Armelin
- 29 “A INTERFACE MORFOLOGIA-FONOLOGIA NO *BLENDING*: UMA ANÁLISE PELO MODELO DA TEORIA DA OTIMALIDADE”
César Elidio Marangoni Junior
- 54 “ANALYTICIZATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE INFLECTION AND DERIVATION”
Janayna Carvalho
Indaiá Bassani
- 76 “FROM ROOTS TO DPs, BRAZILIAN PORTUGUESE AND ENGLISH: A MODEL THEORETICAL APPROACH TO LANGUAGE VARIATION”,
Roberta Pires de Oliveira
- 94 “NOMES PRÓPRIOS NÃO SÃO PRIMITIVOS DA SINTAXE (OU DO LÉXICO): UMA PROPOSTA DE COMO DAR NOME(S) ÀS ESTRUTURAS”
Maurício Resende
- 119 “ANÁLISE MORFOLÓGICA DE SINAIS DA LIBRAS QUE NOMEIAM BAIROS DE CURITIBA”
André Nogueira Xavier
Daiane Ferreira
- 145 “RADICALIZADOR DO PORTUGUÊS BRASILEIRO BASEADO NA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA”
Gustavo Estivalet
Karla Pinheiro
José Ferrari Neto
- 172 “O PROCESSAMENTO MORFOLÓGICO DE SUFIXOS DERIVACIONAIS E MODIFICADORES: UMA ANÁLISE DE EIRO E -INHO”
Camila Ulrich
Luiz Carlos Schwindt

Este dossiê é dedicado a uma seleção de trabalhos que foram apresentados no V Colóquio Brasileiro de Morfologia, realizado em Curitiba de 4 a 6 de novembro de 2020, depois de adiamentos sucessivos por conta da pandemia pelo Covid 19.

Como se sabe, a morfologia é um campo de estudos que faz interface com muitos outros – uma das coisas que, aliás, torna essa área tão interessante. Os artigos que ora apresentamos constituem um quadro bastante representativo da abrangência dos trabalhos que estamos fazendo no Brasil atualmente em morfologia. Procuramos agrupar os textos por áreas de interface, mas começamos com o que se poderia chamar de morfologia raiz (com o perdão pelo trocadilho algo infeliz); passamos daí para a morfologia que dialoga com a fonologia, depois com a sintaxe, em seguida com a semântica, chegando à profícua conversa da morfologia com o processamento.

Lydsson Gonçalves e Paula Armelin, no artigo “Derivando o sufixo *-r* latino e seus alomorfes: uma descrição baseada na Morfologia Distribuída”, investigam a constituição morfológica do sufixo *-r* da língua latina, bem como de seus alomorfes, nos diferentes contextos em que eles são encontrados – voz passiva, mas também em outras estruturas, podendo assim ser considerado sincrético. O trabalho, desenvolvido dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída, propõe que tal morfema é a realização de um argumento anafórico que não conseguiu se ligar na sintaxe, uma configuração que impediria a marcação de Caso da anáfora. Assim, é necessário que a anáfora se mova para o domínio verbal, escapando à necessidade de Caso. Todavia, a simples incorporação da anáfora não é capaz de gerar as formas que efetivamente se encontram na língua, razão pela qual é preciso aplicar uma variedade de operações morfológicas e regras de reajuste para obter o resultado desejado.

O diálogo da morfologia com a fonologia é explorado por César Elidio Marangoni Junior em seu texto “A interface morfologia-fonologia no *blending*: uma análise pelo modelo da Teoria da Otimalidade”. O autor, neste artigo, investiga as relações entre morfologia e fonologia nos *blends* (por exemplo, *namorido* < *namorado* + *marido*), de maneira a delimitar as características prosódicas e métricas desse processo de formação de palavras. A interface morfologia-fonologia no *blending* se revela na existência de uma estrutura morfológica de composição que, por efeitos fonológicos e pragmáticos, se adequa à restrição prosódica de que exista apenas um nó de palavra prosódica, de maneira que duas palavras são juntadas em uma só e, conseqüentemente, apresentam apenas um acento principal.

O texto “Analyticization in Brazilian Portuguese inflection and derivation”, de Janayna Carvalho e Indaiá Bassani, já localiza a discussão num fenômeno que coloca em jogo a sintaxe: a tendência de analiticização

do português brasileiro (PB) em contextos em que há alternância analítica-sintética, como na expressão de futuro simples, pretérito mais que perfeito, verbos parassintéticos e verbos direcionais. Ao integrar dados de flexão e derivação, não só é confirmada a tendência de analiticização do PB, defendida em trabalhos recentes sobre a perda de flexão nessa língua, como também se mostra que essa tendência afeta elementos derivacionais. As autoras sugerem que as alternâncias sintético-analíticas examinadas podem ser todas analisadas como preferência por movimentos curtos e locais. Assim, as mudanças sintáticas pelas quais o PB está passando podem ser também vistas sob um prisma tipológico.

Já a interface da morfologia com a semântica é explorada por vários trabalhos, com ponto de contato em diferentes aspectos semânticos. O primeiro texto, de Roberta Pires de Oliveira, intitulado “From roots to DPs, Brazilian Portuguese and English: a model theoretical approach to language variation”, aprofunda a proposta já avançada pela autora para o Português Brasileiro (BrP) e para o inglês, línguas em que, quando n é projetado, eninho, $[n_0[X]]$, em que X é uma raiz não categorizada, ele é projetado como um predicado, $\langle e, t \rangle$. A proposta distingue a denotação de n_0 da denotação de uma pluralidade de átomos. Em inglês, a atomicidade é obrigatoriamente checada imediatamente após n_0 : n_1 é projetado, gerando $[n_1 [AtP [n_0 [X]]]]$. Isso prediz que não há Singular Nu em posição argumental em inglês; a interpretação será massiva se isso ocorrer. No BrP, $[n_0 [X]]$ ocorre em posição argumental, porque AtP não é mandatório após eninho. Assim, a ausência de atomicidade leva a uma subespecificação de massas e contável. Logo, o Singular Nu não é nem massa nem contável. A atomicidade é induzida pelos “determinantes”, em sentido amplo: o plural, o artigo definido e alguns quantificadores. A conclusão explora a variação em línguas marcadas para número.

Um segundo trabalho discute propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas dos nomes próprios no português brasileiro sob a perspectiva formal. No artigo “Nomes próprios não são primitivos da sintaxe (ou do léxico): uma proposta de como dar nome(s) às estruturas”, o autor, Maurício Resende, artigo investiga as diferentes leituras associadas aos antropônimos em português e a forma como elas são restringidas pelos diferentes expedientes sintáticos. O estudo propõe ainda uma forma de derivar as diferentes estruturas dos nomes próprios, com suas diferentes leituras, levando em conta, ainda, propriedades de sua estrutura vocabular interna. O artigo defende que os antropônimos constituem evidência empírica robusta contra a ideia da existência de itens lexicais cujas propriedades sintáticas e semânticas são definidas antes da sintaxe, mostrando que modelos de morfologia baseados em palavra têm dificuldade para acomodar propriedades bastante naturais dessa classe nominal.

Uma terceira contribuição na mesma vertente é dada por André Xavier e Daiane Ferreira no texto “Análise morfológica de sinais da Libras que nomeiam bairros de Curitiba”, onde investigam os nomes de 51 dos 75 bairros curitibanos. O texto procura identificar os processos de criação lexical através dos quais tais topônimos foram formados. O *corpus* do trabalho foi constituído de sinais coletados anteriormente pelos autores e de vídeos disponibilizados no canal do Youtube do CAS-Curitiba. 75 formas toponímicas e variantes fonológicas para sete delas são analisadas com base em trabalhos sobre processos de criação de palavras em línguas orais e em línguas de sinais. Como resultado, atestam-se, além de variação morfológica, referente à estrutura do topônimo, simples ou composta, variação lexical, decorrente da existência de diferentes nomes, que não compartilham a mesma raiz, para um mesmo bairro. O artigo identifica ainda 16 diferentes padrões de formação lexical e propõe quatro famílias toponímicas, ou seja, quatro conjuntos de sinais que compartilham um mesmo ponto de articulação, e, presumivelmente, um mesmo aspecto semântico relacionado a ele.

O último par de artigos discute a questão do processamento sob perspectivas distintas. O artigo “Radicalizador do português brasileiro baseado na Morfologia Distribuída”, de autoria de Gustavo Estivalet, Karla Pinheiro e José Ferrari Neto, apresenta a discussão teórica e empírica acerca do processamento morfológico, que tem sido relacionada às suas diferentes arquiteturas – acesso lexical por meio da representação da palavra inteira ou o acesso lexical por meio da decomposição morfológica. Radicalizadores (*stemmers*) são mecanismos úteis para a análise morfológica porque permitem a confluência de palavras e a modelagem computacional do processamento morfológico, assim como das interfaces morfofonológica e morfossintática. Dado que radicalizadores atuais de Processamento de Linguagem Natural foram desenvolvidos desconsiderando os modelos teóricos de Morfologia ou da Linguística, o objetivo deste trabalho foi desenvolver um radicalizador do português brasileiro baseado na teoria linguística da Morfologia Distribuída, de modo a apresentar o repertório de morfemas flexionais e derivacionais, analisar os morfemas em termos de traços morfossintáticos e classes gramaticais, e modelar a decomposição de palavras polimorfêmicas. Nossos resultados apontam que um modelo decomposicional é capaz de processar as estruturas morfológicas do português brasileiro. Além da radicalização, nosso algoritmo apresenta algumas características específicas, tais como a representação dos traços morfossintáticos, a definição da classe gramatical derivacional e a especificação teórica baseado na teoria. Enfim, o algoritmo possui código aberto e acesso livre para utilização em diversas aplicações, estando disponível em <https://lexicodoportugues.shinyapps.io/Stemmer/>.

O texto de Camila Ulrich e Luiz Carlos Schwindt, intitulado “O processamento morfológico de sufixos derivacionais e modificadores: uma

análise de eiro e -inho”, trata do processamento morfológico de sufixos rotulados como derivacionais, como -eiro, e de sufixos modificadores, como o avaliativo inho. Partindo do pressuposto de que há decomposição de unidades morfológicamente complexas em unidades menores no processamento de dados linguísticos no português, o objetivo dos autores foi verificar se as duas classificações apresentadas para os sufixos demandam diferentes custos de processamento. Para isso, os autores aplicaram três experimentos: uma Tarefa de Associação de Palavras (TAP), uma Tarefa de Decisão Lexical (TDL) e uma Tarefa de Decisão Lexical com *Priming* (TDLP), as quais são compostas por estímulos formados pelos sufixos eiro e inho. De modo geral, os participantes da TAP demonstraram ter conhecimento dos itens linguísticos testados e atribuíram a eles, predominantemente, associações de cunho morfológico ou semântico. Em ambas as tarefas envolvendo decisão lexical (TDL e TDLP), estímulos formados por inho apresentaram menores índices de acurácia e tempos de reação relativamente maiores, mas sem significância estatística em comparação aos formados por eiro. Esse resultado parece sugerir, considerando-se o recorte experimental assumido, que a categoria funcional do afixo não exerce papel no processamento das palavras em análise.

Nesses tempos pandêmicos, onde tudo era mais desconhecido e por isso mais difícil, teria sido impossível organizar esse evento sem a ajuda de muitas pessoas, a quem gostaríamos de agradecer efusivamente. Primeiramente, agradecemos a todos os participantes do V CBM, pela paciência, generosidade e bom-humor com que encararam a experiência de um evento online, nova para quase todos. Obrigada também aos apresentadores, que se dispuseram a enviar agora seus textos para publicação, e aos pareceristas anônimos, que contribuíram decisivamente para que este volume tivesse a qualidade que tem.

Agradecimentos especiais devem ir para o CNPq, que concedeu verba para a realização do encontro presencial (processo no. 403694/2019-1 - Chamada ARC nº 04/2019 - LINHA 2: EVENTOS NACIONAIS OU INTERNACIONAIS), que infelizmente não pode acontecer nesse formato. Contudo, a equipe do CNPq foi extremamente ágil e colaborativa no sentido de ajudar a resolver todos os problemas que um congresso online nos colocava, permitindo o remanejamento das verbas para esse novo cenário.

Agradecemos igualmente à Universidade Federal do Paraná, em particular ao Setor de Ciências Humanas, que nos permitiu usar suas instalações durante os dias do colóquio, garantindo assim a qualidade de rede e estabilidade para a realização do evento. Também crucial para a qualidade final do evento foi a participação ativa de alunos de graduação e pós-graduação, na qualidade de monitores. Gostaríamos de agradecer nominalmente cada um deles: Cler Falcão, Juliana Rodrigues, Emanuelli Oliveira, Denise Mazocco, Diogo Simão, Manoel Dias, Natalia Lemos, Thais Deschamps e Thayse Ferreira.

Finalmente, mil obrigadas ao programa de Pós-graduação em Letras da UFPR que, na pessoa da técnica administrativa Thais Mannala, nos deu assessoria nas mais diversas questões, particularmente na transmissão do evento pelo canal de YouTube da PPGLet.

Esperamos que você, leitor, se delicie com esse volume.

Maria Cristina & Teresa Cristina